



Mariano Horenstein\*

## Córdoba, douta e profana

Em meados dos anos 50 foi construída em Córdoba uma nova ponte sobre o rio Suquia, chamada Antártida Argentina. Os políticos se preparavam para inaugurá-la enquanto uma misteriosa caixa de madeira, que continha uma criatura estranha era depositada nos arredores.

Tratava-se de um urso polar esculpido em pedra branca, encomenda que deveria ocupar uma das cabeceiras da ponte. Até que alguém avisou que, pelo menos até aquele momento, não existiam ursos polares na Antártida, nem na parte reivindicada pela Argentina, nem em nenhuma outra.

Então o urso polar antártico foi retirado às pressas de seu lugar e começou a vagar pela cidade transformando-se em uma escultura

errante em diferentes praças e passeios, um personagem estranho e cativante, sempre um pouco incômodo nesta cidade sem mar.

Pois se a Antártida não tem ursos polares, Córdoba, ainda quando lhe agrada imaginar-se como uma ilha, não tem mar. Um de seus apelidos inclusive é Cidade Mediterrânea. Nesta cidade sem porto – verdadeiros portais de entrada de imigrantes, marinheiros e meliantes de toda laia – e, por isso com menos peso demográfico de estrangeiros que em outras cidades, o urso polar antártico encarna muito bem a figura de um estrangeiro. E, talvez, por isso sirva também para ilustrar a imagem de um psicanalista nesta cidade.

Córdoba era para Sarmiento um “claus-tro encerrado entre desfiladeiros” e por con-

seguinte, condenada a um olhar limitado se comparada com a abertura movimentada do porto. Essa Córdoba colonial e medieval, a da tradição jesuíta que atravessa ainda hoje toda a província em seus lugares históricos que são patrimônio da humanidade, sem dúvida existe. É a Córdoba clerical, conservadora e, nesse sentido, refratária à psicanálise.

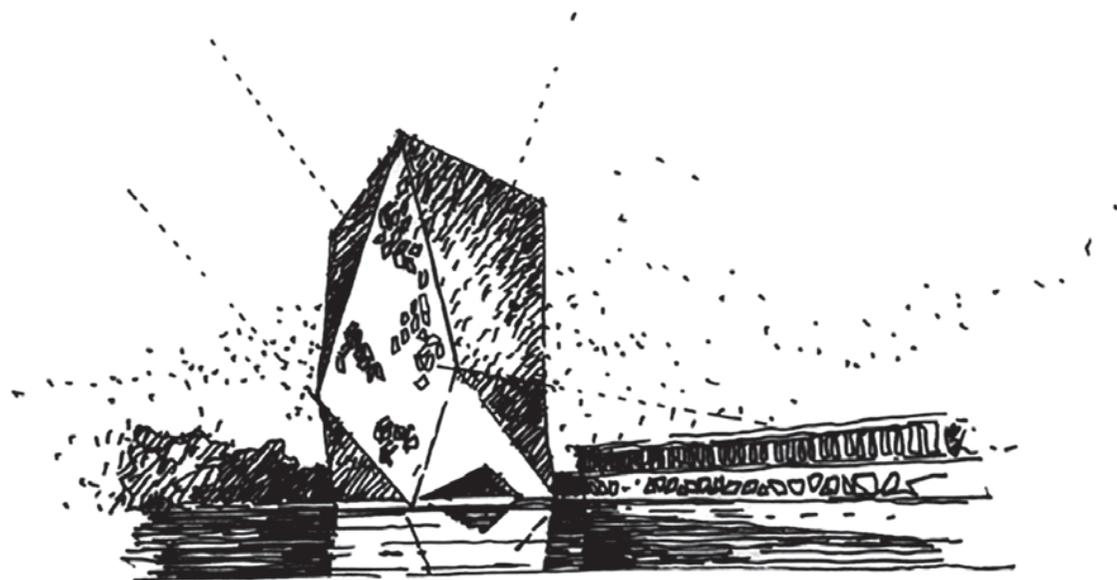
Ao mesmo tempo, em sua universidade de mais de quatro séculos, laica depois de ter sido jesuíta, foi gestada há quase 100 anos uma Reforma Universitária cujo grito libertário de sutil poesia se fez ouvir em toda América Latina:

Homens de uma República livre, acabamos de romper a última corrente que, em pleno século XX nos prendia à antiga dominação monárquica e monástica. Resolvemos chamar todas as coisas pelo próprio nome. Córdoba se redime. A partir de hoje contamos para o país uma vergonha a menos e uma liberdade a mais. As dores que restam são as liberdades que faltam. (*Manifesto liminar da reforma Universitária de 1918, 21 de junho de 1918, par. 1*)

Em Córdoba pululam igrejas, e não seria estranho que aqui ainda circule aquele *Dictionnaire de théologie catholique*, que no verbete correspondente à *psicanálise*, definia a doutrina da Igreja Católica frente a nossa disciplina resumindo uma advertência oficial do Santo Ofício de 1961. Dirigida a bispos, censores eclesiais, sacerdotes e religiosos “de ambos os sexos”, alertava e os colocava em guarda para que *jamais recorressem à psicanálise*. Porém, ao mesmo tempo, em um delicioso oposto, em Córdoba há freiras que fazem psicanálise e até entre os precursores de uma prática de análise na cidade podem ser encontrados um padre e uma freira.

A mesma aristocracia de província, de missa diária e provincianismo recalcitrante, tinha um de seus rapazes nascidos e criados escrevendo uma forma de poesia satírica, os *ovillejos*, na qual despia de modo atrevido e com humor sutil, com nome e sobrenome, a vida secreta das famílias de estirpe. Esta mesma sociedade acolheu também Juan Filloy, um juiz que no sul da província foi um escritor tão oculto como cultuado, brilhante artífice de anaclicos, homem que viveu três séculos e se correspondeu com o próprio Freud.

\* Asociación Psicoanalítica de Córdoba.



Existe uma Córdoba identificada com o saber (outro de seus nomes é *Docta*), mas aqui se cultiva o humor que penetra todo saber e boa parte dos melhores humoristas do país são cordobeses. Além do detalhe pitoresco, isto revela uma cidade que tenta, mas não consegue, por sorte, deixar o inconsciente de fora.

Talvez seja porque, quando estudantes, os futuros doutores costumavam morar no lendário bairro de Clínicas, vizinhos de prostitutas e poetas marginais onde a sexualidade penetrava os dogmas com os quais se atuava se atuava nessa cidade ilustrada. Foi exatamente o fechamento do internato do Hospital de Clínicas o estopim que detonou a Reforma Universitária de 1918, reforma que é preciso que se diga, foi, em boa medida, freudiana e conduzida, entre outros, por Deodoro Roca, que redigiu seu manifesto liminar. Roca – “o argentino mais eminente que conheci”, segundo disse Ortega e Gasset ao viajar à Argentina – pertencia à mesma linhagem aristocrática que a Reforma questionava, inclusive em termos familiares: casado com a filha mais velha do reitor que a Reforma

demitiu, sentava-se ao lado de sua sogra, que, previsivelmente ofendida, só lhe oferecia comida através de intermediários.

A mesma Córdoba reacionária da ditadura mais feroz, a do genocida Ménendez passeando impunemente por seu bairro, é a dos antropólogos forenses que ainda rastreiam corpos ocultos em La Perla ou no Campo de la Ribera, ou a que deu lugar ao Cordobaço, a insurreição lendária de 1969 contra a ditadura de Onganía.

Esta Córdoba desobediente, a reformista e da insurreição, pode ser rastreada a partir de sua própria origem: a Jerónimo Luis de Cabrera em 1573, o vice-rei tinha ordenado fundar uma cidade muito mais ao norte, no vale de Salta, mas ele desobedeceu e decidiu erguê-la às margens do rio Suquia (o mesmo da ponte Antártida Argentina e seu urso polar). O fundador pagou sua transgressão com a vida, mas Córdoba continua ali, impossível de mudar.

Em Córdoba coexistem então a religiosidade e a iconoclastia, as reverências – ao Norte (daí talvez a tentativa frustrada de localizar no sul antártico uma espécie do outro polo), à mãe pátria

ou às igrejas de qualquer tipo – e a impertinência juvenil e descarada, que destrói as imagens consagradas para criar instalações ou colagens que nos falem do futuro mais que do passado. Se uma das posições olha para a imigração do porto com desprezo, enaltece tradições vindas do Alto Peru e estirpes de salão, a outra salta o porto se for necessário, lendo irreverente o mundo inteiro e falando-lhe com sotaque cordobés.

Sabemos que a repressão sempre tem como sua outra face o retorno do reprimido, e o repudiado reaparece no real. Talvez, por isso, o que foi o sonho de nobreza desta cidade – aqueles imigrantes de linhagem espanhola provenientes do Alto Peru – em contraposição com a turba proveniente de barcos falando uma mistura infernal de línguas se transforma em um postal irônico cotidiano, pois a imigração do Alto Peru foi conquistando espaços na cidade, os do antigo bairro de Clínicas inclusive, com seus mercados e refeitórios colonizados pela comunidade peruana, assim como a boliviana conquistou a periferia com um espírito de trabalho coletivo admirável no cultivo de hortaliças e na construção.

Pois Córdoba, como muitas outras cidades argentinas, foi se latino-americanizando. Centro de um país que se sentiu por décadas diferente do resto da fratria, aceleradas mudanças urbanas mudam o perfil da cidade: aparecem condomínios fechados por todos lados, as pessoas que podem mudam suas casas para os subúrbios, são criados centros comerciais e hipermercados na periferia e o centro histórico da cidade, outrora lugar de encontro privilegiado, vai se degradando pouco a pouco.

Córdoba, como muitas cidades latino-americanas, é um lugar de contrastes e contradições. Enquanto algumas zonas ficam mais feias outras rejuvenescem e se embelezam; pode conviver uma rede de museus de arquitetura sofisticada com níveis de pobreza alarmantes; um hospital público em ruínas pode ao mesmo tempo albergar um serviço de assistência médica ao viajante que aconselha turistas sobre as doenças a serem prevenidas no sudeste asiático.

Córdoba está rodeada por serras maravilhosas, tão ao alcance da mão que alguns podem morar na serra enquanto trabalham na cidade. Essas mesmas serras, lugar de peregrinação para os tuberculosos e asmáticos que,

como quem viria a ser o Che Guevara, vinham para se curar com o ar da montanha, servem de refúgio hoje em dia para artistas célebres ou secretos, cujo trabalho excede amplamente os limites de um país. Nesse sentido, Córdoba não tem porto, mas sim um aeroporto acessível que faz com que qualquer lugar, ainda o mais mediterrâneo de todos, seja um lugar do mundo.

A Córdoba de duas caras recebeu a psicanálise há muito tempo como uma presença incômoda, alojando-a e afastando-a ao mesmo tempo, como faz a cidade com seu urso polar de pedra branca. Na verdade, isto não fala mal nem da cidade nem da psicanálise, pois esta jamais deveria ser uma disciplina cômoda, nunca a do psicanalista deveria ser uma espécie totalmente adaptada.

A psicanálise está presente na segunda cidade argentina, em seus hospitais e suas universidades, no ensino médio e no jargão das classes ilustradas. Nesta cidade, onde junto às redes de livrarias, resiste um dos últimos livreiros à moda antiga, no último sábado de cada ano se repete um ritual. Na livraria, localizada no centro da cidade, boa parte da *intelligentsia* local – escritores e políticos, artistas e jornalistas – se encontram para brindar. Não faltam ali psicanalistas como também não faltaram psicanalistas nos mais elevados cargos de gestão da saúde pública, em chefias de serviços hospitalares ou como titulares de cátedras universitárias.

O bairro Nova Córdoba talvez seja o que concentra o maior número de consultórios psicanalíticos, ainda que estes estejam esparçados por toda a cidade. Sem ir mais longe, o meu fica na zona norte e tem uma grande janela através da qual se pode ver a mudança das estações nas cores mutantes das árvores. Depois das árvores, se vislumbra no quarteirão da frente um pequeno castelo, onde havia uma clínica psiquiátrica, o mítico sanatório fundado por um psiquiatra reformista e ambivalente com a psicanálise, Gregorio Bermann.

Ali, na mesma cidade onde também morou seu conde de Lautréamont, se alojava de vez em quando Enrique Pichón-Rivière, que vinha de Buenos Aires curar seu alcoolismo. Em seu exílio e com uma deliciosa imagem que revela onde reside o verdadeiro saber, ministrava improvisadas aulas aos psiquiatras que o atendiam.

A prática da psicanálise nesta cidade recria as vicissitudes de nossa profissão em qualquer outra. A salvo, talvez, das distâncias asiáticas que os pacientes devem percorrer em megalópoles como São Paulo ou Cidade do México, a cidade tem envergadura suficiente para que a psicanálise, uma prática fundamentalmente urbana, se estabeleça. Os consultórios se alimentam de estudantes, docentes ou formados de sua quase dezena de universidades, de empresários e profissionais liberais, comerciantes, artistas e inclusive políticos ou religiosos. Do outro lado do balcão, um enorme número de psicanalistas oferece uma escuta analítica a quem saiba apreciá-la. Há diferentes escolas teóricas e filiações institucionais; assim como freudianos, kleinianos e lacanianos, também há alguns mais próximos da Córdoba conservadora e outros mais identificados com a Córdoba impertinente; há cordobeses de berço e outros eternos estrangeiros atraídos pela universidade e depois estabelecidos aqui.

Apesar de não ser uma cidade capital, o movimento psicanalítico que se agita aqui é suficientemente atrativo para que muitas figuras relevantes da psicanálise passem por esta terra deixando seus ensinamentos e recolhendo transferências. Assim como em uma época Marie Langer, David Liberman, Jorge Mom ou Benito López vinham dar suas aulas na recém-aberta Escola de Psicologia, hoje em dia é moeda corrente contar com a presença de Jean Allouch ou Colette Soler, de Françoise Davoine ou Marcelo Viñar. Inclusive foi aqui o primeiro encontro, esquecido talvez, entre Jacques-Alain

Miller e a IPA, antes da entrevista conjunta que manteve com Horacio Etchegoyen.

Nesta cidade universitária, letrada, não é raro que as publicações tenham seu lugar. Aqui foi publicado, por exemplo, nos anos 60, *Pasado y presente*, revista mitológica da interculturalidade marxista, ou *Psicoterapia*, dirigida por Gregorio Bermann nos anos 60 e pioneira em referências psicanalíticas. Aqui nasceu também a revista *Litoral*, dedicada à psicanálise lacaniana. E também em Córdoba nasceu e é editada ainda uma revista que é inquestionável antecedente de *Calibán* e que se chama, como a cidade, *Docta*.

Escrevo sobre Córdoba e penso que talvez invente uma Córdoba que não existe, uma Córdoba imaginária, pois a cidade – como tudo – é o que se vive e vê. Existe uma Córdoba imaginária tanto como existe uma Córdoba carregada de símbolos – “Córdoba a frívola, Córdoba a bizantina, uma igreja em cada quadra, uma puta em cada esquina”, repetem uns versos – réplica nominal da Córdoba andaluz e que guarda lembranças, como aquela, de um Iluminismo precoce.

O que é o real em Córdoba? Talvez esse oco que só pode ser delimitado com palavras, ser bordado com palavras, encarnado em um corte que atravessa a cidade dividindo-a em norte e sul, a Cañada povoada por seres mitológicos. Esse mesmo rio que corta a cidade em duas e em que, sobre uma de suas pontes apareceu um dia – como fez sua aparição um século atrás esse estranho ofício chamado psicanálise – uma espécie nova, o urso polar antártico.



Talvez Córdoba seja apenas isso, uma cidade conflituosa na qual alternam o puritanismo mais desenfreado com a iconoclastia mais decidida. A psicanálise combina melhor com a tradição impertinente, logicamente, a da Reforma, a do Cordobaço a da Ilustração irreverente, a poesia erótica dos *ovillejos* ou os jogos verbais de Filloy.

A Córdoba que mais me interessa como psicanalista é a Córdoba laica e irreverente, a que profana jurisdições e se identifica com esse “herege impenitente”, como Freud gostava de referir-se a si mesmo. Essa Córdoba ao estilo Bartleby, a que aproveita as vantagens do “pensar contra” para produzir algo a favor; essa Córdoba que aloja os estrangeiros que vêm estudar aqui mais do que aquela que se celebra em uma genealogia aristocrática, que sempre se remonta a não muito além dos exilados peninsulares que acompanharam o fundador em sua desobediência.

Agrada-me mais a Córdoba profana que a douta, a laica que a religiosa, a estrangeira mais que a autóctone, a de espírito de livre pensamento mais que a de pensamento vulgar, a que escolhe o risco de pensar por sua própria conta mais que se alinhar com os sinais emitidos da metrópole. No entanto, devo re-

conhecer que talvez faça falta uma tensão com a outra Córdoba, a que menos me agrada, mas existe mais. Talvez faça falta a repetição para que surja a criatividade, a repressão para que aflore o pensamento, o conservadorismo para que surja a reforma.

Essa permanente contradição, presente também na mente de quem mora nesta cidade, essa dúvida entre a ousadia e a comodidade, entre o mel da obediência e a corda bamba da insubordinação, talvez seja o que justifique que aqui também, existam psicanalistas.

## Referências

- Ambort, M. & Filloy, J. (2002). *El escritor escondido*. Buenos Aires: Aguilar.
- Argañaraz, J. (2005). El freudismo reformista. Deodoro Roca: Freud en la interrogación de la ética. *Docta*, 3(3).
- Giard, L. (2007). Un camino sin trazar. En M. de Certeau, *Historia y psicoanálisis*. México: Universidad Iberoamericana.
- Lavezzo, F. (2013). *El oso antártico*. Córdoba: Cartografías.
- Manifiesto liminar de la Reforma universitaria de 1918* (21 de junho de 1918). Disponível em <https://www.unc.edu.ar/sobre-la-unc/manifiesto-liminar>.
- Sarmiento, D. F. (2011). *Facundo*. Buenos Aires: Eudeba. (Trabalho original publicado em 1845).
- Torres, E. (2003). Psicoanálisis de provincia. *Docta*, 1(0).

